

Chorar, em Roma, a morte de uma bebé

José d'Encarnação¹

Resumo

Reanalisa-se o epitáfio romano de uma menina de tenra idade. A dedicante designa-a de seu *delicium*, pelo que se procura traçar uma panorâmica dos testemunhos do uso deste termo em monumentos epigráficos. Explica-se, por outro lado, que os erros ortográficos patentes na epígrafe se devem a deficiente leitura da minuta por parte do lapicida encarregado de esculpir as letras.

Palavras-chave: *delicium*; epigrafia romana; erros.

Abstract

Analysis of a Roman epitaph of a child, which is named *delicium* by the woman that commanded the inscription. A view of the use of *delicium* in the epigraphic monuments is done. The orthographic mistakes in the epigraph are consequence of erroneous interpretation of the minute presented to the stonecutter.

¹ Professor Catedrático em História e Arqueologia, Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Membro do CIJVS.

Key-words: *delicium*; Roman epigraphy; mistakes.

Procede de Pias, no concelho de Serpa, uma placa de mármore, guardada no Museu Nacional de Arqueologia, que foi dada a conhecer por Rosa Capeans (1940, pp. 556-559). Estava fragmentada em três; uma das partes perdeu-se, mas, devido a ter sido estudada completa, não oferece problemas de leitura, pelo que Scarlat Lambrino leu (1967, p. 142):

*Apolausis, | Antistiae Pr | iscae delici- | um, Annicia | dierum
XXXXVIII, | h(ic) s(ita) e(st). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis).*

Observou que, na l. 2, « à la fin, on lit clairement PP, que l'ouvrier a gravé par erreur au lieu de PR».

A epígrafe passou, por conseguinte, para *L'Année Épigraphique*, com o seguinte comentário:

«L'expression *delicium*, équivalent de *deliciae*, est connue. Cette enfant, morte à moins de deux mois, ne paraît pas avoir été la fille d'Antistia; mais, comme elle porte elle-même un nom romain et un surnom – ou *signum* – grec, on peut penser qu'elle n'était pas née de condition servile» (AE 1969/70, 241).

Não se trata de uma 'expressão' mas de um vocábulo; e claramente se indica que a menina tem um nome romano (*Annicia*) e um sobrenome (dir-se-ia, preferentemente, um *cognomen*) grego (*Apolausis*).

Teve José d'Encarnação ocasião de chamar a atenção para a singularidade deste monumento, começando por afirmar que «apesar de publicado, não tem merecido, talvez, a atenção a que há jus pelo significado cultural que detém».

«A primeira observação a fazer», escreveu, «prende-se com a identificação da defunta. Creio estarmos perante mais um caso em que, certamente devido à sua tenra idade, o *cognomen*, que foi o nome próprio logo atribuído, antecede o *nomen*, o que noutras ocasiões também se documenta» (1995, pp. 403-416, nº 2).

Remeteu o autor para a rubrica *cognomen ante gentilicium positum* in *CIL* II, p. 1200 e também em *IRCP*, p. 888. E procurou justificar o que claramente se lia na pedra: *Annicia*, palavra que tinha todo o aspecto de ser o gentilício, como se aceitara em *AE*, embora, na análise subsequente, se tivesse considerado que, por habitualmente não estar grafado com dois *NN*, essa poderia ser uma «singularidade gramatical», ou seja, o uso, documentado (cf. *CIL* II, p. 1185 e *IRCP*, p. 881), de *consonantes geminae pro simplicibus*, até porque, embora raro na epigrafia peninsular, esse antropónimo se documentava na *Hispania* tanto em ambientes indígenas como latinos e fora, inclusive, alvo de um estudo específico, por parte de Michel Christol (1986).

«Quanto a *Apolausis*», anotou, «é cognome de etimologia grega, extremamente raro se considerarmos que Solin (1982, p. 1198) somente recolheu um testemunho na epigrafia de Roma: a liberta *Munatia Apolausis* (*CIL* VI 35 880)».

Mereceu-lhe, naturalmente, particular atenção o modo como vinha expressa a relação entre as duas personagens: *Apolausis* constituía «as delícias» de *Prisca*. Ora, «atendendo à tenra idade da defunta», *Prisca* teria sido «muito provavelmente, a mãe (natural ou adoptiva) de *Apolausis*», pelo que se justificava com «a dor da morte prematura» a ausência de menção explícita a essa maternidade. Aproveitou José d'Encarnação a oportunidade para anotar os outros testemunhos então conhecidos da ocorrência desse vocábulo:

– *delicium meum*, num epitáfio de Cádiz (*CIL* II 1852);

– AE 1974 257 (*deliciae*);

– AE 1968 74 (*dulcis delicia*, qualificativo utilizado no poema dedicado a uma jovem, encontrado nas termas de Caracala, em Roma);
e

– AE 1974 296 (*Valeria Florilla* manda lavrar epitáfio para si e para o seu liberto – *delicio suo* – *P. Valerius Felicio*, que apenas viveu 15 anos...).

Aliás, hoje, que se dispõe da base de dados de Clauss (<http://www.manfredclauss.de/gb/>), fácil é verificar que este tipo de tratamento – de que se registam, no conjunto dos monumentos epigráficos, perto de 200 testemunhos – teve como alvo principal

Mereceu, de facto, uma reflexão específica a forma como se contou a idade: «48 dias são um pouco mais que mês e meio; no entanto, a divisão em meses não foi adoptada e essa opção detém particular significado também: contaram-se os dias e foram poucos... A carga de ternura familiar aqui latente não poderia deixar de comover o passante» (Encarnação, 1995, p. 407, nota 9).

Concluía-se o comentário salientando como esta placa, apesar da sua simplicidade, podia ser considerada «sintoma de elevado grau de romanização, incompatível com gentes autóctones», pelo que «as personagens nela mencionadas provieram certamente da Península Itálica e serão de incluir entre os primeiros colonizadores da região».

No âmbito da monografia sobre Serpa (Lopes, Carvalho e Gomes, 1997), a singela ficha desta placa é o nº 7 (p. 108), não sem que, na p. 148, se haja salientado a utilização do vocábulo *delicium* como «de particular significado, dada a sua raridade e forte conteúdo emotivo».

Com a data desse mesmo ano de 1997, publicou Alicia M^a Canto o seu livro sobre a epigrafia da *Beturia Celtica*, não conhecendo, portanto, os dois artigos anteriores (de 1995 e 1997) nem a interpretação que Olli Salomies dera, em AE 1995 716, de que se deveria ler *annicla* e não *Annicia*, sugestão que também não fora vista por Encarnação, dado o habitual atraso de publicação de *L'Année Épigraphique*.

Corroborava Alicia Canto – contra o que se escrevera em AE 1969-70 241 – que Antístia Prisca é a mãe de *Annicia Apolausis [sic]* e dá conta das anomalias ortográficas da epígrafe: PP na l. 2 e «a cuarta X está escrita sobre una anterior V, y sobre ella aparece escrita una O posterior» (Ficha nº 198, p. 163). A propósito de *delicium*, assinala o «jogo de palavras bastante culto» que consiste em se ter dado à menina o nome de *Apolausis*, que «significa “delicia” em grego», concretamente *απόλαυση*.

Data o monumento «dentro del siglo I», atendendo à ausência de invocação aos deuses Manes e a aspectos paleográficos.

O seu estudo foi incluído em *IRCSerp.* 2019 (Nº 19, pp. 32-33) e comentado na p. 162 do artigo de Catarina Gaspar e Helena Gimeno Pascual (2020), não se tendo apercebido as autoras que a leitura *Annicia* se mantivera em todos os autores e apenas Olli Salomies se dera conta do erro.

Que se terá então passado? A explicação é lógica: o lapicida não compreendeu a minuta que lhe foi apresentada! Por conseguinte, grafou PPISCA em vez de PRISCA, ANNICIA em lugar de ANNICLA, usou em *dierum* o e minúsculo e, no que respeita à menção da idade, deve ter tergiversado bastante, para a apresentar como ela vem na pedra. Um testemunho mais, por conseguinte, a juntar a outros que abundam na epigrafia romana (Encarnação 2019).

Consideram as autoras que *Apolausis* foi «a escrava predilecta de *Antistia Prisca*», sem encararem a hipótese de filiação, que não referem. Essa posição vem na sequência da investigação levada a cabo por Valeria La Monaca que, das 32 inscrições referentes a 36 *delicati* (termo equivalente a *delicium, deliciae*) documentadas na Gália Cisalpina, concluiu que se trata, geralmente, do escravo predilecto, denunciando, pois, uma relação de pseudoparentalidade, mas sem «a conotação amorosa que deformou durante muito tempo a relação *dominus/delicatus*» (La Monaca, 2008, p. 211).

Do nome *Apolausis* citam um exemplo, primeiramente atribuído a Roma (CIL VI 35 880), mas que se encontrou em Perugia e que é, de facto, a única outra ocorrência deste antropónimo que se conhece: *Munatia Apolausis, coniux karissima* de *Munatius Hypnus* (CIL XI 2062)

Em relação ao uso epigráfico da palavra *delicium*, baseiam-se no referido estudo de La Monaca (p. 162, nota 16), para darem conta de que esse é o termo documentado nas inscrições de Roma, do Lácio e da Itália meridional, enquanto que, na Itália setentrional, nas *Galliae*, nas *Germaniae* e na Dalmácia, é o equivalente *delicatus* que preferentemente se encontra.

Perspicaz, portanto, a leitura de Salomies, perfeitamente aceitável e que resolve a questão onomástica que se levantara e que se tentara resolver aceitando a inversão da ordem habitual dos elementos onomásticos: o *cognomen* a preceder o *nomen*.

A palavra correcta é, portanto, *annicula*, ocorrendo aqui a síncope do **u**, fenómeno fonético que outras vezes acontece: v. g., *Proclus* em vez de *Proculus*. De resto, os poucos testemunhos epigráficos do termo que se conhecem mostram hesitação quanto à grafia:

- em CIL II²/5, 475, da região de Córdoba, referem-se as gêmeas *Cacula* e *Ammatula*, de um ano [*annu(clae)*] e três meses;
- em CIL III 2162, de Salona, na Dalmácia, escreve-se *annucla* (*Agria* morreu com um ano e três meses e é a *mater infelix* que a chora);
- a inscrição CIL III 2319 foi mandada fazer pelo pai ao seu filho *Agathinus*, *anunculo et mens(i)um sex*»;
- *Lycnis*, a *ancilla* de Quinto Épido, morreu com um ano e quatro meses (*annucla et men(sium) IIII*) – CIL XIII 7089.

Conclusão

A aparentemente insignificante placa de *Apolausis* permitiu manifestar mais um exemplo de incompreensão da minuta por parte do lapicida. Ou seja, o texto revela avançado estágio cultural, de tal modo que até pode chegar a pensar-se que se trata de gente vinda da península itálica (porque não?); mas a execução da epígrafe – a *ordinatio* e a *inscriptio* – foi entregue a um operário pouco mais do que iletrado. Já idêntico facto se observara na necrópole da Quinta de Marim, perto de Olhão, bem no Sul da Lusitânia: os monumentos eram esteticamente excelentes, decoração agradável; os textos, porém, saíram pejados de erros e sem paginação cuidada, como assinalou José d’Encarnação (1991).

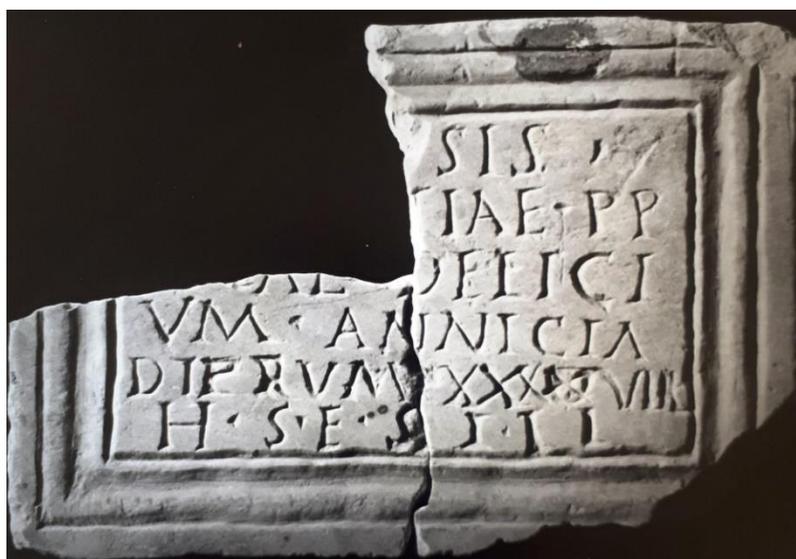
A troca de um L por um I (nada mais fácil de ocorrer!) obrigou o epigrafista a tentar explicações, quando, afinal, um outro investigador desvendou o mistério que se criara: era *annicula* o que se deveria ter grafado e isso queria dizer que a defunta tinha um ano (neste caso, mais 48 dias, o que é também deveras singular!).

Finalmente, quem mandou lavrar o monumento não hesitou em manifestar o que sentia, a dor magoada, pela sua criancinha

querida, o seu *delicium*. Poderá discutir-se se *Antistia Prisca* era a mãe ou a *domina*; que interesse poderá, contudo, vir a sabê-lo, se o que está em causa é essa prova de uma imensa ternura?!... Do ponto de vista epigráfico, foi bom pretexto para se tentar um enquadramento do uso deste termo no âmbito geral do Império – e teve-se ocasião de o conseguir, por já haver investigação feita nesse sentido.

Uma conclusão geral poderá, porventura, tirar-se: é que em Epigrafia – como em todas as ciências – «definitivo» é vocábulo a usar com muito parcimónia: o que hoje aparenta sê-lo com toda a evidência, amanhã é susceptível de o não ser. Lição esta que também a pandemia nos veio dar.

E a sensação que nos fica é real: muito se aprendeu e revelou; muito mais há ainda para revelar e aprender. Mensagem das ideias que o Homem, um dia, seleccionou e, em poucas letras, logrou transmitir aos vindouros – a epígrafe permanece imorredora e fecunda!



BIBLIOGRAFIA

AE = *L'Année Épigraphique*. [Cita-se o ano e o nº da inscrição].

CANTO, Alicia M^a - *Epigrafía Romana de la Beturia Céltica*. Madrid: UAM Ediciones, 1997.

Capeans, Rosa - Antigualhas lusitano-romanas. In *Congresso do Mundo Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1940, pp. 556-559.

Christol, Michel - À propos des *Anicii*: le troisième siècle. *MEFRA* 98(1), 1986, pp. 141-164.

CIL II = Hübner, Emílio - *Corpus Inscriptionum Latinarum - II*. Berlin: Academia das Ciências de Berlin. 1869 e 1892.

Encarnação, José d' - «A necrópole romana da Quinta de Marim (Olhão): a onomástica enquanto índice sociocultural», *Anais do Município de Faro* 21, 1991, pp. 229-241.

Encarnação, José d' - Apostilas epigráficas - 2. *Biblos*. Coimbra. 71, 1995, pp. 403-416.

Encarnação, José d' - Errori d'interpretazione della minuta su epigrafi della Lusitania occidentale. In Sartori, Antonio e Gallo, Federico [coord.], *L'Errore in Epigrafia*. Milano: Biblioteca Ambrosiana, 2019, pp. 115-127.

GASPAR, Catarina e GIMENO PASCUAL, Helena - Epigrafia del território bético en Portugal: Serpa. In GASPAR, Catarina; GIMENO PASCUAL, Helena; e VICENT RAMÍREZ, Noelia [coord.], *Ambientes Geográficos y Territorio: El Guadiana entre Bética y Lusitania*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos; Alcalá de Henares: Fundación General de la Universidad de Alcalá, 2020, pp. 147-177.

IRCP = Encarnação, José d' - *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2013: <http://hdl.handle.net/10316/578>.

IRCSerp. 2019 = alves dias, Maria Manuela *et alii* - *Inscrições romanas do concelho de Serpa (Serpa, conventus Hispalensis, provincia Baetica)*. Lisboa: Lisboa, Centro de Estudos Clássicos e Alcalá de Henares, Fundación General de la Universidad de Alcalá, 2019.

la monaca, Valeria - I *delicati* nella Cisalpina. In P. Basso, Patrizia *et alii* (eds.), *Est enim ille flos Italiae... Vita economica e sociale nella Cisalpina romana. Atti delle giornate di studi in onore di Ezio Buchi*. Verona, 2008, pp. 211-218.

Lambrino, Scarlat - Catalogue des inscriptions latines du Musée Leite de Vasconcelos». *O Arqueólogo Português*. Lisboa, 3^a série, 1, 1967, pp. 123-217.

Lopes, Maria; Carvalho, Pedro e Gomes, Sofia - *Arqueologia do Concelho de Serpa*, Câmara Municipal de Serpa, 1997.

Solin, Heikki - *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, 1, Berlin-Nova Iorque: Walter De Gruyter & Co. 1982.